

Configurações discursivas dos sujeitos indígenas diagnosticados para tratamento psiquiátrico

Edna. Carolina. Mayorga Sánchez¹ ; Nilsa. Brito. Ribeiro²

¹ Programa do Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia/PDTSA, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 68505-065, Marabá-Pará, Brasil

² Programa do Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia/PDTSA, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, 68505-065, Marabá-Pará, Brasil

Palavras-Chave: Saúde Indígena, Biomedicina, Biopolítica;

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta um análise dos discursos de funcionários governamentais que trabalham com a saúde indígena no Sul e Sudeste do Pará, especificamente com relação ao diagnóstico e fornecimento de medicamentos psiquiátricos aos indígenas, o estudo busca determinar quais são as configurações discursivas destes sujeitos. O corpus de análise são as entrevistas feitas aos funcionários e aos indígenas, com relação às práticas de saúde e as concepções de doença e de transtorno mental; o autor principal nesta pesquisa foi Michel Foucault, retomando as relações que ele faz entre poder, saber e verdade e o desenvolvimento do conceito de biopolítica. Apresenta-se no percurso do texto que o discurso governamental está sustentado na imposição de uma verdade que corresponde a reconhecer a validade da medicina ocidental, desde a biomedicina, como verdadeira e eficaz. Tudo o que está escrito está atravessado desde uma abordagem antropológica e um olhar interdisciplinar sustentado nos estudos pós-coloniais e na teoria da análise do discurso.

Como objetivo geral da pesquisa temos analisar o discurso que se apresenta na implementação e fornecimento de medicamentos psiquiátricos aos indígenas do Sul e Sudeste do Pará, reconhecendo a existência de duas práticas de saúde, por um lado a saúde ocidental e por outro a indígena. Os objetivos específicos são construir uma contextualização histórica da política da saúde indígena, com relação às instituições encarregadas e os programas implementados, incluindo o referente a saúde mental indígena. Elaborar uma contextualização dos povos indígenas do Sul e Sudeste do Pará, especificamente de suas concepções de saúde e doença, a partir de revisões bibliográficas. Realizar um estado da arte dos conceitos a trabalhar durante a pesquisa, enfocados aos estudos pós-coloniais, as relações entre poder, saber e verdade desde os textos de Michel Foucault, e outros autores que permitam fazer uma análise dentro da pesquisa. Também entrevistar funcionários governamentais que se encontrem envolvidos com o tema de saúde, e também as lideranças indígenas para falar sobre o tema depois fazer uma análise das entrevistas com um enfoque de análise do discurso, utilizando ao Michel Foucault, como autor principal e relacionando-o com estudos antropológicos e pós-coloniais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para levar a cabo a pesquisa se faz inicialmente uma revisão teórica do tema, com relação às pesquisas feitas acerca de saúde mental em povos indígenas, de igual forma se revisaram referências bibliográficas para construir um estado da arte, dos autores que se considerem pós-coloniais e das obras de Michel Foucault que desenvolvem as relações entre os conceitos de saber – poder e verdade, e também os de biopolítica e biopoder.

Por outro lado quero entrevistar aos atores envolvidos na execução desta política para os indígenas que chegam à cidade de Marabá, a ser atendidos por estes casos, ou que são remetidos para rastreamento, ou que já levam um processo médico prolongado.

Além disso, vou procurar um caso para analisar, com o fim de fazer uma descrição etnográfica baseada em entrevistas a respeito de como se desenvolveu o caso desde o princípio até a atualidade. Deve-se mencionar que existem inconvenientes com relação ao acesso aos reportes e rastreamento por parte do pessoal de medicina. Os conceitos que se pretendem utilizar inicialmente para a análise antropológica são: Indígenas, Colonialismo, Colonialização, Descolonização, Dominação, Alteridade, Interculturalidade, etnocentrismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho é feito à luz de uma visão etnográfica e antropológica, tanto das fontes secundárias escritas, como das fontes primárias obtidas a partir de observação, entrevistas e construção de relatos de história oral.

- Entrevistas semiestruturadas aos atores envolvidos com o este tema na cidade de Marabá.
- Entrevista aos funcionários públicos de FUNAI
- Entrevista a funcionario do DSEI Guamá-Tocantins
- Entrevista à pessoal da CASAI – Casa de Saúde Indígena

Através das entrevistas pretende-se recopilar informação com relação às seguintes perguntas:

- ¿Quem é diagnosticado para receber tratamento psiquiátrico?
- ¿Que medicamentos são fornecidos nos diagnósticos?
- ¿Como se leva a cabo o rastreamento aos casos?
- ¿Quais são as causas ou “doenças” mais identificadas para o diagnóstico deste tipo de medicamentos?
- ¿Como dialogam as práticas indígenas e não indígenas nestes casos?
- Também pretende-se identificar como se descreve a saúde indígena e recopilar informação com relação a alguns tratamentos tradicionais.
- Identificar quais são as percepções com relação à saúde e à doença.

A pesquisa encontra-se em andamento, por tanto, os resultados ainda estão em análise.

4. CONCLUSÃO

Pensar na existência e o diagnóstico de uma doença mental, pensar em linguagem meramente ocidental, despojar ao indígena do seu caráter social, para vê-lo só como um indivíduo, e também só como um corpo unicamente biológico, com alterações que se podem curar com remédios específicos.

Este controle é imposto neste caso pelas instituições do Estado nos diferentes níveis, federal, estadual e municipal, com relação às políticas de Saúde e em casos como, por exemplo, os analisados nas entrevistas, se evidencia a supremacia do discurso da biomedicina, a necessidade da inclusão dos povos indígenas nas políticas de saúde mental, e claro o controle dos corpos e a construção de sujeitos desde o rechaço das suas próprias ontologias.

Quando as pessoas que trabalham na área da saúde propõem manejar um caso de uma doença só desde a biomedicina, se esta impondo uma verdade sobre outra, por exemplo, nos casos de consumo de álcool, tentativa de suicídio o quando se determina um conjunto de fatores como depressão a agressividade, se deve ter em conta tudo o que envolve o evento, como as relações sociais dentro de uma aldeia, os deslocamentos do território, os momentos de luto, ou a permanente relação com ocidente. Em qualquer caso, a doença involucra causas sociais e culturais, contextos históricos e também universos de sentido diferentes.

Identificar uma doença como mental, é também separar a mente do corpo, e a sua vez o corpo da relação que existe entre ele e a natureza, um corpo não é somente uma questão biológica, nem se pode pensar em uma racionalidade cartesiana de natureza/cultura, então a visão que se tem dos corpos é fortalecida por a institucionalização dos mesmos com a bio-regulação pelo Estado a traves da implementação de políticas que esquecem estes aspetos, o que deixam eles só fixos nos documentos.

No tema de saúde mental, e na tipificação de doenças acontece uma estandardização que favorece a imposição da verdade da biomedicina, os discursos institucionais falam de um dever ser, e de um conhecimento que esta muito emparentado com a medicalização. O risco da imposição da medicina ocidental no conhecimento indígena é maior, quando as políticas tem as suas dificuldades de execução por questões como a preparação do pessoal, ou a carência de acompanhamento em saúde, ou a rotativa constante dos agentes de saúde como médicos e técnicos de enfermagem.

Podemos afirmar que se impõe uma forma de verdade, os discursos institucionais transcendem afetando as vidas das pessoas, a saúde se concebe somente como a ausência de doença afastando os olhares holísticos, substituídos por mecanismos regulamentadores estatais. A saúde mental não se pode determinar da mesma forma para uma pessoa indígena que para outra não indígena, os princípios da psiquiatria não podem ser universalmente validos, esse pensamento seria em absoluto etnocêntrico, e definiria a biomedicina como a mais eficiente, sem reconhecer os diferentes significados das palavras e também das praticas que pelo geral são diferentes das nossas.

REFERÊNCIAS

- ABÉLÈS, Marc. Michel Foucault, la antropología y el problema del poder. Traducción de Carolina Villada Castro. **Revista del Museo de Antropología**. Argentina, v. 10, n. 1, p. 139-148, 2017. Disponible en: <http://revistas.unc.edu.ar/index.php/antropologia/index>. Consultado en día: 15 ago. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: editora Nau, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no College de France (1978-1979). Câmara brasileira do livro. São Paulo. Brasil. 2008.
- GREGOLIM, Maria do Rosário Formação discursiva, redes de memória e trajetos Sociais de sentido: mídia e produção de identidades. **II Seminário de Análise do Discurso (SEAD)**, UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. *Revista Lua Nova*. N. 63. 2004.
- TOLA, Florencia, **Yo no estoy solo en mi cuerpo**, Cuerpos-personas múltiples entre los Tobas del Chaco Argentino. Buenos Aires. Editorial Biblos. 2012.
- WALSH, Catherine. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Entrevista a Walter Mignolo. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**. Santiago de Chile, v.1, n. 4,